

relações
internacionais
em notícias

n.1 / 1º sem. 2018



 **IBGE**

**Presidente**

Roberto Olinto Ramos

Diretor-Executivo

Fernando J. Abrantes

Diretoria de Pesquisas

Cláudio Crespo

Diretoria de Geociências

Wadih João Scandar Neto

Diretoria de Informática

José Sant'Anna Bevilaqua

Centro de Documentação e Disseminação de Informações

David Wu Tai

Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Maysa Sacramento de Magalhães

Assessoria de Relações Internacionais

Roberto Neves Sant'Anna

UNIDADE RESPONSÁVEL**Coordenação de Comunicação Social**

Diana Paula de Souza

Editor

Eduardo Peret

Editora de arte

Helga Szpiz

Projeto Gráfico

Helena Pontes

Helga Szpiz

J. C. Rodrigues

Pedro Vidal

Reportagem

Eduardo Peret

Rodrigo Paradella

Diagramação

Helena Pontes

Helga Szpiz

Capa

Pedro Vidal

Fotografia

Agência Brasileira de Cooperação

CEPAL

Eduardo Peret

Nivia Regis Di Maio Pereira

Pedro Vidal

Vanessa Santana (estagiária sob supervisão)

Colaboradores

Andressa Coelho Maxnuck Soares

Carlos Eduardo de Azevedo Silva (estagiário sob supervisão)

Daniel Spitalnik Nathan

Gustavo Miranda Puerari

Renata Moreira Dias Correa

Roberto Neves Sant'Anna

Wanda Rodrigues Coelho

Revisão de textos

Andressa Coelho Maxnuck Soares

Eduardo Peret

Gustavo Miranda Puerari

4 Editorial | Roberto
Neves SantAnna

5 Entrevista | Roberto
Olinto

9 Notícias | Centros de
Referência na África

12 Notícias | Reunião
sobre ODS

15 Notícias | Prioridades
de RI para 2018

17 Eventos | 2017

21 Eventos | 2018



A Assessoria de Relações Internacionais do IBGE tem a satisfação de lançar esta revista que apresenta um trabalho feito a tantas mãos de diversas áreas do nosso instituto. Da recepção de comitivas a missões técnicas e participações institucionais em conferências, os servidores do IBGE tomam parte dos mais diversos eventos internacionais, numa miríade de temas.

O IBGE é uma instituição com vocação e história no contexto internacional, nos últimos anos, vem intensificando sua inserção nesse cenário, tomando parte de conferências internacionais, realizando cooperação técnica com instituições homônimas de todos os continentes, sediando eventos internacionais, participando da Comissão de Estatística da Organização das Nações Unidas (UNSC, na sigla em inglês) - inclusive tendo-a presidido nos anos de 2016 e 2017 - e do Comitê de Especialistas em Gerenciamento de Informações Geoespaciais (UN-GGIM), e muito mais.

A publicação de Relações Internacionais do IBGE tem como finalidade divulgar as diversas ações promovidas pela nossa instituição e, também, aquelas realizadas por entidades estrangeiras de que participamos e com as quais cooperamos em diversos âmbitos. A cada seis meses, uma nova edição será publicada, tratando dos temas geocientíficos e estatísticos de maior destaque no período, contando com entrevistas dos servidores envolvidos e com textos informativos.



Desde o início da sua gestão, o senhor tem dito que a internacionalização do IBGE é uma das suas prioridades. Gostaríamos que o senhor falasse um pouco sobre isso:

Começando com um pouco da história do IBGE e também minha, eu sempre tive uma participação razoável nessa questão, por ter trabalhado na área de Contas Nacionais. O que eu aprendi foi que era fundamental, cada vez mais, estarmos presentes nas reuniões internacionais. Estamos vivendo um momento em que se gera muita informação, muito rapidamente, de forma confusa, com os institutos de estatísticas de um lado, as redes sociais de outro e a geração de informações por outros produtores por outro. Ao ficar isolado, o IBGE estava perdendo o acompanhamento das últimas discussões e recomendações.

Participação internacional é caminho para a maturidade

Entrevista com Roberto Olinto Ramos

Texto: Eduardo Peret
Fotos: Pedro Vidal

Em primeiro lugar, essa questão internacional é importante para que se possa acompanhar o que está acontecendo no mundo e a velocidade da mudança. Vários institutos de estatísticas estão mudando suas regulamentações desde dos anos 90 e temos que acompanhar isso. Os manuais internacionais estão sendo atualizados, as recomendações também. O financiamento na área também é forte. Então, a primeira questão é manter-se atualizado quanto às questões metodológicas e institucionais.

A segunda questão importante é a capacitação dos funcionários. A partir de um determinado nível de maturidade técnica, o funcionário de um instituto de estatísticas não pode ficar isolado, sem acompanhar o que está acontecendo pelo mundo. Pode até nem ser novidade para ele, mas é importante que ele esteja participando. É treinamento, é capacitação.

A minha geração no IBGE participou de um convênio com a França na área de Contas Nacionais. Fomos estagiários no instituto francês de estatísticas e moramos na França durante meses. Isso mudou a cabeça das pessoas. Eu morei na França por quatro meses, trabalhando no INSEE (Instituto Nacional de Estatísticas e Estudos Econômicos). Essa questão da

capacitação, de olhar o outro mundo, viver fora, é fundamental. Ao participar dessas coisas, desses cursos e eventos, os funcionários do IBGE fazem networking, vão conhecendo gente. Fazemos contatos e, hoje, é muito fácil manter esses contatos via e-mail e Whatsapp; acompanhamos as mudanças. Isso é uma maneira de formação.

E a terceira questão importante é o IBGE apresentar-se como um órgão de qualidade, ter credibilidade e respeitabilidade. Somos um dos maiores institutos de estatística do mundo e produzimos com qualidade. Ao se apresentar como um órgão respeitável, começam a surgir convocações para determinadas reuniões, determinados seminários que são mais fechados, de alto nível, sênior.

O IBGE é grande, mas precisa ser reconhecido como tal. A participação nesses eventos é fundamental e isso está acontecendo. Em vários momentos, nesses últimos tempos, fomos convocados para participar de grupos pequenos de trabalho, grupos exclusivos. Primeiro, pelo fato de os funcionários do IBGE estarem indo e demonstrando interesse em participar. Em segundo lugar, por ter ficado claro internacionalmente, junto às Nações Unidas e à CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), que o IBGE está disponível para participar, para cooperar, seja apresentando seus trabalhos ou recebendo convidados nesses acordos de cooperação.

Nós temos que ser lembrados, nossa participação é importante. Fomos chamados, há pouco tempo, para participar de um grupo fechado para discutir plataformas de ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

Eu encontrei, por coincidência, uma pessoa das Nações Unidas em São Paulo, falei que estávamos interessados e acabamos participando. Assim, vamos ampliando os horizontes.

Essa participação internacional, nessas três linhas, é fundamental para termos um instituto com mais maturidade, deixar de olhar para seu próprio umbigo e olhar para fora.

Agora, é importante, internamente, começarmos um processo de capacitação, porque é preciso falar inglês, é preciso pelo menos entender para poder participar.

O senhor também tem dito que o IBGE é mais reconhecido fora do país do que no Brasil. O senhor poderia falar um pouco sobre isso?

O IBGE é muito respeitado no Brasil, mas há reações.

Existe pouco conhecimento sobre tudo o que o instituto produz. Produzimos muita coisa, mas precisamos divulgar, mais e melhor.

Hoje, com o aumento da disseminação de números pelas mais diversas fontes, de opiniões no Facebook até produtores de estatística e geoinformação independentes, cresceu a necessidade de o órgão oficial de estatística estar com seu processo de comunicação atento, para que não se faça mau uso de seus resultados. Temos muita credibilidade, mas é aquela

história: ganha-se pouco a pouco e pode-se perder bastante mais adiante.



Presidente do IBGE, Roberto Olinto Ramos, conversa com o Diretor de R.I., Roberto Sant'Anna, e a Coordenadora de Comunicação do IBGE, Diana Paula de Souza

Agora, fora, como o IBGE tem uma produção de muita qualidade e vem tendo alguma participação internacional, ele é extremamente reconhecido. Eu estou indo à Argentina para falar sobre

questões de data revolution, porque o IBGE foi reconhecido pela sua competência. Quem foi convocado para falar? A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o Fundo Monetário Internacional, o BIS (Banco de Compensações Internacionais) e o IBGE. Temos participado cada vez mais nesses seminários, porque o Instituto é reconhecido como uma instituição de excelência e um dos maiores do mundo. Agora, se dissermos aqui no Brasil que somos um dos melhores do mundo, as pessoas dizem "ah, mais ou menos". A gente é, mas aqui dentro a luta para esse reconhecimento é dura e perene.

Eu admito que é muito mais complicado ser reconhecido internamente. A gente não faz propaganda, o que a gente faz é

comunicação, além, obviamente, da divulgação de estatísticas e de geoinformação. Estamos tentando melhorar isso com a Agência IBGE Notícias, usando o Youtube e o Twitter, por exemplo. Porém, é muito complicado você atingir todo mundo num país com 208 milhões de habitantes, com uma distribuição bastante irregular, seja geográfica ou de renda. Mas é uma coisa que precisamos pensar, uma política de reconhecimento e conhecimento do nosso trabalho.

Estamos conseguindo fazer isso, por exemplo, com o Censo Agropecuário. Foi feito todo um trabalho junto a instituições e organizações de classe, que ajudaram muito; falou-se muito antes, fez-se propaganda, conseguiu-se avisar e está funcionando muito bem. Na próxima grande pesquisa, que é o Censo Demográfico 2020, vamos ter que fazer isso. Meses antes, vamos ter que começar a chamar a atenção da população.

Essa questão é permanente, temos que informar a população sobre o que vamos fazer, porque você não vai bater na porta da casa da pessoa, perguntar o que ela come, quanto ela ganha porque você é um curioso. Você tem que mostrar o sentido da coisa. Quando eu pergunto o que ela come, o quanto ela gasta, é porque isso vai afetar alguma coisa, como o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) e as Contas Nacionais.

O IBGE está na vanguarda mundial em algumas pesquisas, conceito e metodologias. O senhor poderia dar-nos alguns exemplos?

Nós começamos a coleta digital no Censo 2010 e lançamos o Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares. Já introduzimos as recomendações da OIT (Organização Internacional do Trabalho) sobre o conceito de trabalho decente, fomos um dos primeiros países a adotar essas recomendações. Também fomos um dos primeiros países a incorporar um moderno Sistema de Contas Nacionais, lá nos anos 90, graças ao nosso intercâmbio com os franceses. Nossa integração de geografia com estatística é um fato que acabou tornando-se uma vanguarda. A cobertura e o uso da terra também. São várias questões. Somos vanguarda por duas coisas: uma excelente equipe técnica e um país enorme, que nos provoca a fazer coisas de qualidade. O IBGE é provocado, pelas condições do país, a avançar sempre.

Mais do que inovar, uma instituição de referência também deve estar disposta a compartilhar o conhecimento adquirido com as experiências bem-sucedidas. Com esse objetivo, o IBGE promoveu, entre novembro e dezembro de 2017, na África, a capacitação dos institutos nacionais de estatística de Senegal e Cabo Verde, para disseminar nos países do continente a coleta eletrônica de dados realizada no Censo Demográfico 2010 e reconhecida como modelo nesse aspecto pela ONU (Organização das Nações Unidas).

A cooperação com países africanos é um exemplo do papel central que, cada vez mais, o Instituto vem ocupando no cenário geostatístico internacional. A capacitação teve como objetivo formar dois Centros de Referência em Censos com Coleta Eletrônica, dando autonomia a Senegal e Cabo Verde para

Centros de Referência levam conhecimento do IBGE à África

instruir outras nações africanas e difundir, assim, o conhecimento obtido por meio da capacitação oferecida pela instituição brasileira pelo continente.

Texto: Rodrigo Paradella
Fotos: Agência Brasileira de Cooperação

As capacitações duraram duas semanas cada, nas cidades de Saly (Senegal) e Praia (Cabo Verde), envolvendo cerca de 25 técnicos de cada um dos países e 11 do IBGE. Além do instituto brasileiro e dos africanos, a iniciativa envolveu a Agência Brasileira de Cooperação (ABC) e o Fundo das Nações Unidas para População (FNUAP Brasil). Mais do que um treinamento, o período serviu como um espaço de troca entre os institutos de estatística dos três países.

“Não precisamos ensinar ninguém a fazer censo, não é esse o foco. Eles sabem como fazer o treinamento, sabem fazer um censo. Nosso foco é mostrar as diferenças do treinamento para a coleta eletrônica. Não adianta dar o DMC (dispositivo móvel de coleta) ao recenseador para ele sair trabalhando, porque existem passos anteriores”, explica a gerente de treinamento da Coordenação Operacional dos Censos do IBGE, Cynthia Damasceno, que participou da capacitação.

“Houve mais um bate-papo, não fomos com a ilusão de que iríamos só ensinar. Há uma experiência grande e eles querem



Cynthia Damasceno representou o IBGE na capacitação na África

muito saber exatamente como fazemos. Ainda existe uma insegurança na hora de passar para outros países. Mas não existe uma maneira só, até porque cada país tem sua estrutura”, explica o analista do IBGE Miguel Ângelo Montenegro, também presente no treinamento.

Na capacitação, foram tratados temas como formação de pessoal, mapeamento censitário, infraestrutura tecnológica, questionário, supervisão, tudo voltado para a coleta eletrônica de dados, além das potencialidades da disseminação de dados e da sensibilização da sociedade. Os dois países já realizaram censos com equipamento digital no passado, mas agora estão preparados para treinar outras nações. A missão, contudo, ainda não foi a última do projeto.

“Eles já nos apontaram algumas necessidades em relação ao repasse desse conhecimento para os outros países africanos. Levantaram a necessidade de elaborar instrumentos de análise dos países que receberão essa capacitação no futuro.”, explica Miguel Ângelo. Em fevereiro de 2017, uma reunião em Praia (Cabo Verde) foi realizada para tratar também dessa questão.

O papel de referência do IBGE na coleta eletrônica de dados foi alcançado em 2010, quando o Brasil executou com sucesso o Censo Demográfico de forma digital, sem o uso de questionários em papel. A experiência em um país de tamanho continental e uma população de, então, 190,7 milhões de pessoas chamou a atenção de institutos de estatística que ainda tinham dificuldades nessa transição, como o de Cabo Verde.

“Fomos o primeiro país de grande porte, digamos assim, que fez um censo totalmente digital. Já em 2010, quando estávamos nos preparando, recebemos uma demanda de ajudar Cabo Verde a fazer o deles. Nosso presidente à época, Eduardo Pereira Nunes, disse: “vamos ajudar, mas já com a nova tecnologia”, que já havíamos usado, em 2007, no Censo Agropecuário. Praticamente fizemos o censo de Cabo Verde”, conta a Coordenadora Operacional dos Censos do IBGE, Maria Vilma Salles Garcia.

A ajuda a Cabo Verde foi somente um dos casos de cooperação do IBGE nessa área. A demanda crescente por capacitações em coleta eletrônica foi o principal motivo para a criação do projeto de Centros de Referência na África, em 2016.

“A cooperação técnica internacional do IBGE intensifica-se a partir do Censo 2010, principalmente em função dessa nova tecnologia, que é a coleta eletrônica de dados, além da

cooperação brasileira tem-se caracterizado por ser trilateral, por ser formada pelos países envolvidos e uma instituição que colabora e entra como parceira. No caso dos censos, nosso parceiro é o FNUAP, como nos centros de referência”, destaca Roberto.



Senegal foi o primeiro dos dois países africanos a receber capacitação

transmissão e do controle de campo, pagamento e mapeamento. Isso a ONU reconhece como uma das atividades que eles chamam de Data Revolution, que não se dá só com os dados em si, mas, também, com os processos relacionados”, explica o Assessor de Relações Internacionais do IBGE, Roberto Sant’Anna, que destaca a importância dos parceiros no projeto, a ABC e o FNUAP.

“A ABC tem como atividade a cooperação internacional voltada para o eixo Sul-Sul. Em todas as cooperações desse tipo, ela está conosco. O que temos visto é que a

Com dois países preparados para difundir o conhecimento na África em idiomas distintos, o IBGE conta com apoio para disseminar suas técnicas mais rapidamente e de forma eficiente, mesmo que não esteja diretamente envolvido.

“A cooperação Sul-Sul busca não manter dependências. Ela procura capacitar, para que o conhecimento possa circular livremente. Não queremos criar dependências, para que toda vez que eles precisem de informação também precisem do IBGE. A ideia é capacitar multiplicadores. E, claro, trazer experiências de lá também”, conclui Sant’Anna.

IBGE recebe delegações da América Latina para debater os ODS

Texto: Eduardo Peret
Fotos: Pedro Vidal e
Vanessa Santana (estagiária
sob supervisão)



O IBGE recebeu integrantes da Reunião Especializada de Estatísticas do Mercosul (REES) para a realização do II Seminário sobre Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) em nove de outubro, no Centro de Inteligência Corporativa. Participaram do evento as delegações de Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, além de representantes da área de estatística da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL) e da Secretaria de Governo da Presidência da República (Brasil).

O presidente do IBGE, Roberto Olinto, fez a abertura do evento, destacando que há um desafio adicional em relação às instituições nacionais de estatística (INEs), os indicadores regionais. Ele ainda salientou que talvez não seja possível cumprir a meta de calcular alguns indicadores globais até 2030, por diversas razões, inclusive a falta de orçamento.



José Botelho, representante da Secretaria de Governo da Presidência (acima) e Laura Nalbarte, Diretora Técnica do INE - Uruguai

Já o representante da Secretaria de Governo da Presidência da República, José Botelho, apresentou os trabalhos realizados pela Comissão Nacional para os ODS, incluindo objetivos, estrutura, governança e instituições envolvidas, bem como a inserção dos ODS no plano plurianual de 2016-2019.

Em nome da CEPAL, Álvaro Fuentes chamou a atenção dos presentes para as divergências nos indicadores divulgados por instituições distintas, como as instituições nacionais de estatísticas,

a própria CEPAL e os bancos centrais dos diferentes países. Ele destacou o esforço da CEPAL em trabalhar os conceitos de indicadores e informou que a proposta do Marco Regional de Indicadores ODS, estruturada em 298 indicadores, seria enviada nos próximos dias aos INEs para receber comentários.

Ao comentar a apresentação, o presidente do IBGE lembrou que as Nações Unidas ainda não chegaram a um consenso sobre um indicador global, e o que se propõe no IAEG (Grupo de Especialistas Interagências/Inter-Agency Experts Group) é que os países enviem às agências suas bases de dados, para que possam calcular os indicadores globais. Já se sabe, entretanto, que alguns dados só estarão disponíveis após as realizações dos censos de população de 2020.

A pesquisadora Denise Kronemberger, representante do IBGE no seminário, destacou que o IAEG tem realizado consultas sobre conceitos e definições, além de buscar uma maior participação da sociedade civil em suas reuniões. Em seguida, ela expôs o Plano de Trabalho do IBGE, destacando as atividades dos Grupos de Trabalho e salientando que a instituição brasileira está definindo uma plataforma para os indicadores ODS.

O Diretor do Instituto Nacional de Estadística y Censos (INDEC), Jorge Todesca, informou que sua instituição está inserida no Conselho Coordenador de Políticas Nacionais da Argentina, no qual detém a coordenação técnica referente à harmonização metodológica e à revisão dos indicadores. Ele ainda informou que, enquanto o IAEG desenvolve um marco de construção de indicadores, o HLG (Grupo de Alto Nível / High Level Group, na qual a Argentina representa o MERCOSUL) é encarregado da liderança na aplicação dos ODS em relação à supervisão e à apresentação de relatórios estatísticos.

A diretora da DGEEC (Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos) do Paraguai, Elisabeth Barrios, ressaltou a relevância dos Seminários ODS do MERCOSUL para a implementação dos objetivos, algo que classificou como grande desafio. Ela explicou que, no Paraguai, há uma Comissão Interinstitucional responsável por coordenar o seguimento, o planejamento e a implementação dos ODS no país. Lá, 20% dos indicadores são habitualmente coletados, enquanto 19% dos indicadores dos ODS poderiam ser produzidos a partir de

informações já recolhidas. Barrios expôs que o marco legal do sistema estatístico paraguaio está obsoleto, e, portanto, seria mais complexo fortalecer a estrutura no setor nacional. Entretanto, os seminários sobre os ODS no Paraguai estão sendo realizados há meses, embora estejam ainda na fase de discussão do tema.

A diretora técnica do Instituto Nacional de Estadística (INE) do Uruguai, Laura Nalbarte, ressaltou a importância do Seminário ODS do MERCOSUL, que teve sua quinta edição, com a primeira também tendo sido realizada no Brasil. Ela destacou que, como região, o MERCOSUL tem avançado no tema, contando com a atuação de Brasil e Argentina nos fóruns internacionais dos ODS, o IAEG e o HLG. Nalbarte reconheceu que ainda há muito trabalho a ser feito com relação a diversos indicadores, pois ainda há muitos em níveis Tier II e III.

Em suas considerações no fechamento do Seminário, o presidente do IBGE lançou o questionamento sobre a possibilidade de criar-se um plano MERCOSUL associado aos ODS. Olinto propôs aos participantes a retomada do inventário de operações estatísticas para sua utilização como instrumento potencial para avaliação e direcionamento da comparabilidade e da harmonização dos indicadores ODS no âmbito da região. Para concluir o evento, ele destacou a necessidade de fomentar a cooperação técnica entre as instituições de estatística.

Da esquerda para a direita: Maria Teresa Carré (INDEC/Argentina), Álvaro Fuentes (ONU/CEPAL), Laura Nalbarte (INE/Uruguai), Maria Elizabeth Barrios (DGEEC/Paraguai), Denise Kronemberger (IBGE), Roberto Olinto (IBGE), José Botelho (Secretaria de Governo da Presidência da República), Jorge Todesca (INDEC/Argentina), Hernán Muñóz (INDEC/Argentina)



IBGE discute prioridades de 2018 para relações internacionais

Texto: Rodrigo Paradella
Fotos: Pedro Vidal

Em dezembro de 2017, a Assessoria de Relações Internacionais do IBGE promoveu um encontro no Centro de Inteligência Corporativa, que teve como objetivo a discussão das prioridades da área para o ano de 2018. Focado em ações que possam tornar a instituição referência internacional no cenário global e aumentar a cooperação com outros países e entidades estrangeiras, o evento serviu também como oportunidade para que cada setor do instituto compartilhasse suas experiências do último ano.

Foi feito, além disso, o balanço das atividades ligadas às relações internacionais durante o ano de 2017. Ao todo, foram realizadas 157 viagens de servidores para 122 eventos e ações ligadas ao tema naquele ano, das quais mais da metade (110) foram custeadas parcialmente pela instituição (com a manutenção dos vencimentos dos servidores durante o afastamento).

O evento contou com as presenças do Presidente, Roberto Olinto Ramos, do Assessor de Relações Internacionais, Roberto Sant'Anna, do Diretor Executivo, Fernando Abrantes, do Diretor

de Pesquisas, Cláudio Crespo, do Diretor de Geociências, Wadih Scandar Neto, do Coordenador Geral de Documentação e Disseminação de Informações, David Wu Tai, da Diretora da ENCE, Maysa Magalhães, do Diretor de Informática, José Sant'Anna Bevilaqua, e da Coordenadora Operacional dos Censos, Maria Vilma Salles Garcia, além de membros de diferentes áreas do IBGE.



Da esq. para a direita:
Fernando Abrantes,
Roberto Olinto Ramos e
Roberto Sant'Anna

cresceu nesse ano [de 2017].
É importante ver o que o mundo está fazendo também. A ideia

“A área de relações internacionais

é mostrar o que fazemos e o que aprendemos. Acredito que fizemos bastante coisa. Agora temos que focar para tornar isso um pouco mais institucional”, avaliou Roberto Olinto na abertura do seminário.

“Esse aumento da participação internacional mostra um reconhecimento do IBGE como instituição de excelência e um destaque da instituição no cenário estatístico e geocientífico mundial”, ressaltou Roberto Sant’Anna. “É algo que não somente valoriza o servidor, mas mantém a ele e à instituição atualizados com as melhores práticas na área e participando das grandes questões internacionais”, ressalta.



Reunião discutiu prioridades para a área de Relações Internacionais em 2018

Além da apresentação da Assessoria de Relações Internacionais sobre o ano, cada área do IBGE compartilhou as experiências ligadas ao setor em 2017 e as expectativas para o ano seguinte. O encontro também serviu para o debate sobre as prioridades para

2018, com destaque para o planejamento de novas ações e participações em eventos no exterior.

Entre as diretrizes definidas para o ano de 2018, estão a tradução dos produtos do IBGE para o inglês e a capacitação do corpo técnico no idioma; a participação em Grupos de Trabalho internacionais, buscando a liderança em alguns deles; e a promoção de eventos internacionais no IBGE, além de uma maior disseminação das experiências internacionais em âmbito interno.

IX Encontro da Comissão de Estatística das Américas (CEA) – Aguascalientes, México, de 14 a 16/11/2017

A CEA tem como objetivo principal promover, no âmbito regional, a geração e o uso de informação estatística de modo comparável, oportuno e pertinente. Nessa última reunião, ocorrida no México, em novembro de 2017, os países participantes reforçaram seu compromisso de buscar

cumprir a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Entre as decisões tomadas na última edição, destacam-se o reconhecimento da CEA como o foro intergovernamental adequado para tratar do marco regional de indicadores dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável; o fomento da cooperação entre as instituições nacionais de estatística da região da América Latina e o Caribe; e a intensificação das atividades relacionadas à integração de informações estatísticas e geoespaciais. Além disso, foi elaborado o Relatório de Implementação do programa bienal de atividades de cooperação regional e internacional 2016-2017 da CEA, bem como proposto o programa de atividades 2018-2019 dos Grupos de Trabalho. O IBGE participa de 11 dos seus Grupos de Trabalho, sendo coordenador em dois deles: Estatísticas da Agropecuária e de Estatísticas Ambientais.

A CEA fomenta a cooperação entre as instituições de estatísticas da América Latina e Caribe



Foto: CEPAL

Seminário-Oficina Regional: Desenvolvimento e Fortalecimento de Estatísticas e Indicadores Ambientais nos países da América Latina, o caminho conjunto dos ODS e ILAC – IBGE, Rio de Janeiro, de 11 a 15/12/2017

A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e a ONU-Meio Ambiente, em colaboração com o IBGE e com o Ministério do Meio Ambiente, celebraram o seminário-oficina com o intuito de discutir as estatísticas e os indicadores ambientais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O evento também visou a fortalecer, regionalmente, a capacidade técnica para que as instituições estatísticas oficiais dos países produzam essas informações de maneira sistemática, comparável e confiável, com a finalidade de monitorar os avanços nos temas ambientais no âmbito da Agenda 2030. O seminário foi realizado no auditório do Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI, no IBGE.



Foto: Nivia Regis Di Maio Pereira

Representantes das instituições de estatísticas se reuniram no IBGE, no Rio de Janeiro

Em 2017, participamos também:

- Primeiro Fórum Mundial de Dados das Nações Unidas, na África do Sul
- 48ª Sessão da Comissão de Estatística das Nações Unidas e Eventos Paralelos, nos Estados Unidos
- Seminário Internacional “Think BIG: Data Innovation in Latin America and the Caribbean” e Oficina “Big Data para la medición de la economía digital”, no Chile.
- V e VI Reuniões do Grupo de Peritos Interagências sobre Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (IAEG), no Canadá e no Bahrein.
- 50ª Comissão sobre População e Desenvolvimento, nos Estados Unidos.
- IV Sessão do Comitê Regional UN-GGIM das Américas, no Chile.
- XVI Reunião do Comitê Executivo da Conferência Estatística das Américas, no Chile.
- III Reunião do GT sobre Informação Geoespacial e Fórum de Kunming sobre Gestão Global da Informação Geoespacial, na Alemanha.
- 3RD Annual Workshop on Formal Demography, nos Estados Unidos.
- VII Conferência Estatística da CPLP, em São Tomé e Príncipe.
- 12º Encontro do Comitê das Nações Unidas de Especialistas em Contabilidade Econômico-ambiental, nos Estados Unidos.
- Visita Técnica ao Instituto Nacional de Estatística de Portugal.
- Congresso Mundial de Estatísticas do ISI, no Marrocos.
- VII Sessão do Comitê de Especialistas da ONU sobre Gestão Global da Informação Geoespacial, nos Estados Unidos.
- XI Conferência das Nações Unidas em Padronização de Nomes Geográficos e XXX Sessão do Grupo de Peritos das Nações Unidas em Nomes Geográficos, nos Estados Unidos.
- IX Encontro dos Chefes das Instituições Nacionais de Estatística dos países BRICS, na China.
- Conferência Global SDMX na Etiópia.
- Conferência Internacional de 2017 sobre Estatísticas dos ODS (ICSDGS), nas Filipinas.

- Seminário Regional sobre a Potencialização do uso de Registros Administrativos com Finalidade Estatística para a Consecução da Agenda 2030, no Chile.
- XXVIII Conferência Internacional sobre População, na África do Sul
- XI Encontro do Grupo Interagência e de Especialistas em Estatísticas de Gênero / Seminário sobre as Diretrizes Metodológica da ONU na Produção de Estatísticas (EDGE Project), na Itália
- IV Encontro do Grupo de Peritos das Nações Unidas sobre Integração de Informações Estatísticas e Geoespaciais – EG-ISGI, na Suécia
- Oficina de Terinamento Regional no Sistema Experimental de Contabilidade de Ecossistema SEEA, na China.
- Oficina Social Media Data Short Course e IV Conferência Internacioal sobre Big Data para Estatísticas Oficiais, na Colômbia.
- II Fórum sobre Contabilidade de Capital Natural para Melhor Tomada de Decisões, na Holanda.
- Simpósio Sirgas 2017 (Taller en Posicionamiento GNSS a Tiempo Real), na Argentina.
- Seminário internacional “Experiencias, buenas prácticas y desafíos para los sistemas estadísticos nacionales de los países de América Latina frente a la ronda de censos de población y vivienda de 2020”, no Chile.
- V Fórum de Alto Nível sobre Gerenciamento de Informações Geoepacial da ONU, no México
- Formação de Capacitação dos Países da CPLP para o desenvolvimento e monitorização de indicadores sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no âmbito da Agenda 2030, em Portugal.
- Annual Meeting of the Academy of Management, nos Estados Unidos.

Reunião do Grupo de Especialistas em Melhoria de Estatísticas Rurais – Roma, Itália, de 22 a 24 de janeiro de 2018

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em colaboração com a Estratégia Global para Melhoria das Estatísticas Rurais e de Agricultura (GSARS), promoveu o evento em questão. Seu objetivo é de desenvolver uma definição internacionalmente aceita e comparável sobre áreas rurais, bem como identificar um pequeno grupo de indicadores-chave que se relacionam com objetivos de políticas governamentais de melhoria do bem-estar dos domicílios.

49ª Sessão da Comissão de Estatística da ONU (UNSC, na sigla em inglês) – Nova Iorque, Estados Unidos, de 06 a 09/03/2018

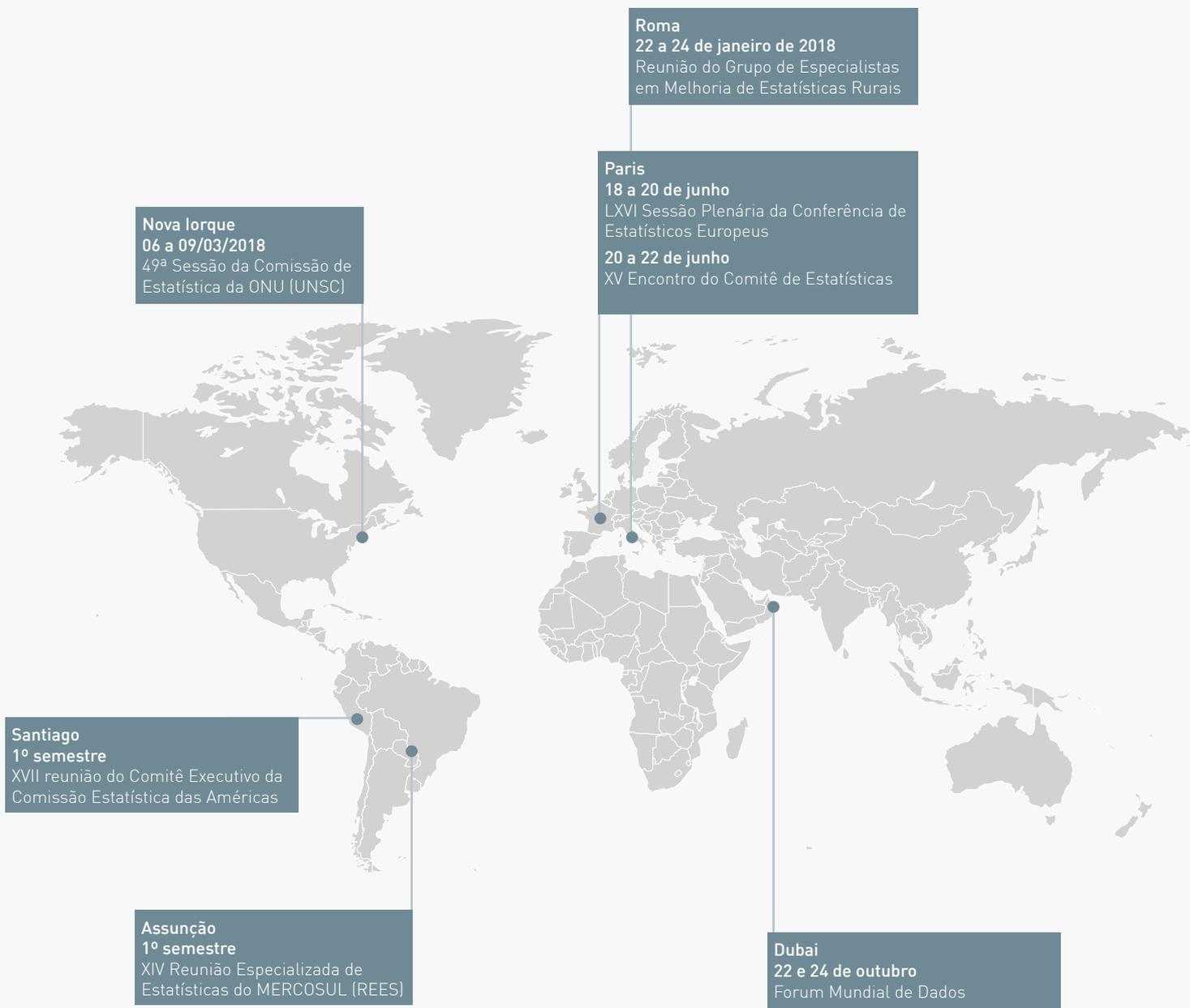
A UNSC foi estabelecida em 1947, transformando-se no fórum global de mais alto nível no contexto estatístico. Sua função é reunir os chefes das instituições oficiais de estatísticas dos países membros da ONU, discutir os temas afins e tomar decisões que impactam em todos os âmbitos da produção de informações estatísticas oficiais. De 06 a 09 de março de 2018, ocorreu a sua 49ª Sessão, na sede das Nações Unidas, em Nova Iorque, Estados Unidos

XIV Reunião Especializada de Estatísticas do MERCOSUL (REES) – Assunção, Paraguai, primeiro semestre de 2018

A REES foi estabelecida em 2010, no âmbito do MERCOSUL, com o objetivo principal de criar o Plano Estratégico Estatístico Comunitário. O mercado comum permite a adoção de um Sistema Estatístico Harmonizado entre todos os seus países membros. Na reunião a ser realizada no primeiro semestre de 2018, em Assunção, serão apresentados os avanços das diversas Comissões de Trabalho que fazem parte da REES, além de se avançar nas discussões do Marco de Indicadores de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável MERCOSUL e do Consenso de Montevideu sobre o Plano Estatístico Comunitário, dando continuidade ao tratado na última reunião, ocorrida no Rio de Janeiro, em outubro de 2017.

Destacamos também:

- XVII Reunião do Comitê Executivo da Comissão Estatística das Américas, que ocorrerá no 1º semestre de 2018, em Santiago, no Chile
- Fórum Mundial de Dados, cuja próxima reunião acontecerá entre 22 e 24 de outubro de 2018, em Dubai, Emirados Árabes.
- LXVI Sessão Plenária da Conferência de Estatísticos Europeus, de 18 a 20 de junho de 2018, em Paris, França.
- XV Encontro do Comitê de Estatísticas, de 20 a 22 de junho de 2018, em Paris, França.





/ibgecomunica



/ibgeoficial



/ibgeoficial



/ibgeoficial

www.ibge.gov.br 0800-721-8181



MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

